

A TRANSFORMAÇÃO DO AMOR EM DANTE ALIGHIERI: BEATRICE EM VITA NOVA E NA COMMEDIA.

Thalita Sasse Fróes (FL/UFG)
sassethalita@gmail.com

Resumo: A invenção do amor romântico ocidental, no final do século XI, se caracterizou tanto pela incapacidade de sua realização como pelo caráter abstrato conferido à condição feminina. O amor cortês encontrou forte ressonância na figura da mulher idealizada e cultuada pelo trovadorismo. No século XIV, Dante Alighieri foi considerado um dos principais representantes da transformação do amor como forma de servidão cortês à mulher em um amor espiritualizado. Como adepto do *dolce stil novo*, o poeta florentino elevou a mulher a uma condição sagrada por meio da concepção de amor desenvolvida pela milícia denominada *Fedeli d'Amore*. Este trabalho tem como objetivo compreender a contribuição do poeta para a concepção de amor difundida pelo *dolce stil novo*. Para tanto, a transfiguração da imagem da mulher representada na poesia do autor será analisada, em seu início, em *Vita Nova* e, em seu apogeu, na *Commedia*. À luz da hermenêutica simbólica, o referencial teórico se valerá de obras de autores como Mircea Eliade. Ademais, far-se-á uso dos aspectos simbólicos identificados por Erich Auerbach e Luigi Valli no que diz respeito à presença de uma linguagem secreta velada pela história de amor do poeta por Beatrice.

Palavras-chave: Trovadorismo. *Dolce stil novo*. Dante Alighieri. *Vita Nova*. *Commedia*.

Inserido no período que caracterizou a transição da Idade Média para a Moderna, o poeta florentino Dante Alighieri (1265-1321) vivenciou a crise de uma sociedade em busca de uma nova ordem. Seu primeiro livro, *Vita Nova*, apresenta a narrativa sobre a história de amor do poeta por Beatrice. A obra, inovadora tanto por aspectos relacionados à forma quanto ao conteúdo, anuncia a um só tempo: a dissolução da visão de mundo medieval, a crise da lírica, a fundação do sujeito na linguagem, o embrião do sujeito moderno e a nova concepção de amor. O amor cultuado pelo trovadorismo encontrou em Dante um dos principais representantes da sua transformação: o sentimento amoroso, que se caracterizava pela servidão dos trovadores à mulher, evoluiu para o culto de um amor espiritualizado.

Adepto do *dolce stil novo*, o poeta elevou a mulher a uma condição sagrada por meio de uma concepção de amor em estreita relação com a desenvolvida pela milícia dos *Fedeli d'Amore*. Nesse sentido, torna-se pertinente refletir sobre a contribuição do poeta para o desenvolvimento da nova concepção de amor, a qual, embora representada por Dante em *Vita Nova*, encontrou sua expressão máxima apenas na gloriosa transfiguração da imagem de Beatrice na *Commedia*, seu grande poema épico. Dante, com incomparável maestria, é capaz de envolver o leitor em um constante fluxo entre o aspecto mais singular de um acontecimento e o caráter universal da condição humana.

Dante pode ser compreendido como um verdadeiro homem do seu tempo. Nascido na efervescente Florença da segunda metade do século XIII, o poeta, participou ativamente das questões religiosas e políticas italianas durante o período de transição do Medieval para a Renascença. Arauto da necessidade de renovação das instituições medievais é considerado tanto “um dos executores, um dos liquidantes, deste mundo, como anunciador de uma poesia

nova, de uma vida nova, de um homem novo” (STERZI, 2008, p. 57). Ao assistir à criação do novo homem, a literatura italiana, que até então levava uma existência menos expressiva ao lado das manifestações em latim e das literaturas provençal e francesa, segundo Otto Maria Carpeaux (2011), antecipou-se no século XIV a todas as literaturas europeias, criando novos gêneros e formas de expressão inovadoras.

Para o autor, a discrepância entre a literatura do resto da Europa, que ainda se encontrava “nas trevas medievais” e a “moderna literatura italiana”, que já se apoiava no reaparecimento das letras antigas torna-se tão significativa a ponto de dificultar sua comparação às demais literaturas da época. Inserido na atmosfera da Itália do século XIV, Dante Alighieri atuou como mediador entre os princípios medievais e a organização dos valores renascentistas. Segundo Burckhardt (2009), o poeta representou a condição humana com expressiva diferença em relação às convenções que orientaram a poesia cortesã e cavalheiresca ocidental dos séculos XII e XIII, cujo conteúdo permaneceu ainda bem distante de uma plena objetivação da interioridade humana e de sua riqueza espiritual.

A civilização feudal — a civilização dos castelos e dos cavaleiros — havia encontrado sua mais plena e fecunda expressão poética no fenômeno do *trovadorismo*. Expressão plena porque, na lírica dos trovadores, as ritualizações mais próprias do mundo feudal aparecem concentradas na figuração de uma voz que canta seu amor por uma dama quase sempre inalcançável, ou quando alcançada, ainda assim inapreensível, insustentável; nesta relação mínima entre um sujeito amoroso e seu objeto, transposição para o âmbito íntimo da relação submissa entre vassalo e senhor, toda uma sociedade se dá a ver (e ouvir, e ler...), com suas hierarquias sociais, suas estritas regras de conduta e de discurso, seu jogo constante entre liberdade e interdição (STERZI, 2008, p. 61-62).

Originária da Occitânia, a poesia dos trovadores instaurou nos séculos XII e XIII uma concepção do amor distinta do sentimento até então representado pela poesia dos séculos anteriores. Sua atitude diante do amor terreno, de acordo com Erich Auerbach (1997), consistia na louvação e na transfiguração da amada, e uma vez eliminado o aspecto costumeiro da realidade, ao amante era permitido perceber apenas o objeto do seu desejo e o que a ele estava relacionado. O autor acrescenta que o amor para os poetas provençais não deve ser entendido, essencialmente, nem como prazer nem como paixão avassaladora, ainda que essas duas categorias estejam nele representadas, mas entendido próximo a um objetivo de uma vida nobre, ao mesmo tempo, sua condição fundamental e sua fonte de inspiração.

A invenção do amor cortês, no sul da França, encontra-se diretamente relacionada ao nome de Guilherme IX. Considerado o primeiro trovador, ele “conseguirá transmitir o próprio movimento do espírito no louvor da carne, o fervor do impulso para o além (expresso pelas formas litúrgicas) nas *doçuras* do impulso amoroso para o que é terreno” (ROUGEMONT, 2003, p. 502, grifo do autor). Desprovido da necessidade de realização, o amor cortês, presente no trovadorismo, faz surgir do próprio amor sensual a servidão à mulher amada. “O amor passou a ser campo em que se deixava florescer todo o aperfeiçoamento estético e moral. O amante nobre, segundo a teoria do amor cortês, torna-se virtuoso e puro pelo seu amor” (HUIZINGA, 2013, p. 177).

A atmosfera que caracterizou a poesia provençal apresentava considerável diferença quando comparada ao singular contexto italiano. Tal singularidade propiciou, no século XIV, a transformação dos modelos herdados do trovadorismo e a ressignificação dos termos próprios à sua lírica. A concepção do amor construída pelos poetas provençais adquiriu caráter universal. Sterzi (2008) afirma que o amor cortês dos trovadores por suas damas, o qual era em maior ou menor grau um amor sexual, passou a ser entre os poetas italianos também em graus variáveis sobretudo um amor espiritual e sublimado. Surgia assim o movimento italiano denominado *dolce stil novo*. Segundo Auerbach (1997), um dos seus

precursores, Guido Guinicelli (1230-1276), embora tenha recebido o legado provençal – de uma poesia altamente estilizada, veículo de uma forma seleta e aristocrática de vida, e hostil à expressão vulgar – dera espaço a um credo, um *ethos*, com estritos princípios e obrigações.

Em lugar da Provença dos cavaleiros, ele pôs a terra imaginária do *cor gentile* — e essa noção, altamente espiritual, que era um *ethos* religioso, mas não a Igreja universal; uma pátria comum, mas não um país geográfico, foi a base do primeiro movimento artístico independente da Europa moderna. Era o único elo a ligar os *compagnos* do *dolce stil novo*, mas produziu um intenso sentimento de camaradagem entre eles e o clima intoxicante de uma sociedade secreta de iniciados e amantes (1997, p. 41-42).

Todavia, é possível perceber certa divergência quanto à definição das origens do movimento italiano. Enquanto para Carpeaux tal definição se torna complexa dadas as opiniões diferentes ora relacionadas ao conteúdo filosófico, ora à novidade da forma artística, para Auerbach, a origem do *dolce stil novo* se deve, claramente, à transformação do estilo provençal pelos poetas italianos. O autor associa o sentido secreto acessível apenas a um grupo de eleitos presente no *dolce stil novo* com a linguagem de difícil compreensão utilizada pelos poetas provençais. Estes, segundo Auerbach (1997), compunham suas canções para um grupo social muito particular e limitado. Só eles compreendiam e apreciavam esse jogo amoroso marcadamente esotérico, com sua terminologia própria e sua linguagem radicalmente erudita.

A alegoria utilizada pelos poetas provençais apresentava certa dificuldade em sua interpretação e “o que era primeiro um jogo, e, depois, uma defesa, tornou-se um refúgio de uma elite já muito reduzida, e, por fim, a expressão do esforço ingente de uma alma para subjugar, em dialética alegórica, o tormento da paixão” (1997, p. 38). Essa representa a passagem do trovadorismo provençal para o *dolce stil nuovo* e para a nova poesia de Dante Alighieri. Dentre as primeiras obras do poeta encontram-se os poemas avulsos escritos a partir de 1283, os quais foram reunidos em um narrativa autobiográfica em prosa e transformados em livro por volta de 1294. Obra de sua juventude, *Vita Nova*, pode ser considerada o primeiro livro escrito em vernáculo, o primeiro livro da literatura italiana, assim como o primeiro livro de toda a literatura moderna.

No *libello*, Dante apresenta a história de amor do poeta por Beatrice utilizando termos tomados da tradição trovadoresca. Segundo Sterzi (2008), é possível perceber no poeta forte aproximação da concepção do amor própria ao *dolce stil novo* em temas como: a personificação do Amor, a necessidade de manter o amor em segredo, o artifício de simular o amor por outra dama para que permaneça resguardada a identidade da verdadeiramente amada e o temor da rejeição. Os temas essenciais do movimento italiano, mais espiritualizados que os utilizados pelos poetas provençais, compreendiam o amor como mediador da sabedoria divina, e encontraram em Dante um caráter universal.

A *Vita Nuova*, o romance do seu amor místico, é, para tanto, o caminho de preparação: cântico da dona “*tanto gentile e tanto onesta*”, profundamente sentido, apesar das formas convencionais, a *Vita Nuova* pretende ensinarnos a compreender as fases da purificação lírica do poeta, através dos três reinos, até o Paraíso, “*Luce intellettuale, piena d’amore*” (CARPEAUX, 2011, p. 255).

Compartilhado pelos poetas italianos, o significado do amor deveria ser por eles preservado alheio à compreensão dos não considerados amantes. Nesse sentido, Mircea Eliade (2004) destaca a influência da milícia denominada *Fedeli d’Amore* – um grupo de livres-pensadores, não necessariamente herético, mas que deixara de reconhecer o poder concedido aos papas como chefes espirituais da cristandade – na concepção de amor utilizada pelos

poetas representantes do *dolce stil novo*. Para o autor, os *Fedeli d'Amore* poderiam ser considerados pertencentes a um movimento aparentemente “literário” em sua essência, mas que era, muito provavelmente, uma organização iniciática.

A presença dos membros pertencentes a esse grupo foi identificada já no século XII na Provença, na Itália e em outras regiões da Europa. “Os *Fedeli d'Amore* constituíam uma milícia secreta e espiritual que tinha por objetivo o culto da «Mulher única» e a iniciação no mistério do «amor»” (ELIADE, 2004, p. 193). Seus membros codificavam sua doutrina por meio de um “*gergo convenzionale*” – uma linguagem secreta – de modo que esse permanecesse inacessível aos não iniciados, por eles descritos como “*la gente grossa*”.

A *Vita Nuova* de Dante é toda escrita nesta linguagem: é toda simbólica da primeira à última palavra e diz respeito à vida iniciática de Dante e suas relações não apenas com a mulher de Simone de' Bardi, mas com a *Sapienza* santa e com o grupo que a cultivava. Portanto, a Beatrice da *Vita Nuova* não se difere substancialmente daquela que aparece triunfante sobre o carro da Igreja na visão apocalíptica da *Divina Commedia*¹ (VALLI, 2007, p.15, tradução nossa).

O autor ressalta a evidente participação desses poetas em uma espécie de sociedade, a qual contribuía de forma significativa na orientação da vida íntima e muito provavelmente da vida pública de seus membros. “Mas só um deles, Dante, foi capaz de descrever esses acontecimentos esotéricos de maneira a fazer com que nós os aceitássemos como realidade, mesmo quanto às motivações e alusões são de todo desconcertantes” (AUERBACH, 1997, p. 81). A ideia, *a priori* não muito clara, a respeito da gloriosa senhora se torna facilmente compreensível quando, despida de uma interpretação realista, assim interpretada: “a chamaram Beatrice, muitos repetiram esse nome e (não sendo iniciados) *não sabiam que coisa verdadeiramente estavam chamando quando chamaram a minha senhora com aquele nome*”² (VALLI, 2007, p. 250, grifos do autor, tradução nossa).

Segundo Francesco De Sanctis (1996), Beatrice apresenta um caráter pouco realista em sua personalidade, o que sugere sua existência mais evidente na mente de Dante do que fora dela. A notória relação entre sua figura e o ideal dos trovadores, o ideal filosófico e o ideal cristão, de acordo com o autor, caracteriza o amor do poeta como o resultado da transformação de um sentimento individual para o que pode ser considerado o princípio da vida divina e humana. “Beatrice em sua gloriosa transfiguração torna-se um símbolo, o nome doce que o poeta dá ao seu novo amor, a Filosofia”³ (DE SANCTIS, 1996, p. 33, tradução nossa). Para o autor, existe uma segunda Beatrice, a espiritualizada, a qual não está presente em *Vita Nova*. Nesse texto, Beatrice morre, mas será representada em algumas obras posteriores do poeta como a luz espiritual, a unidade ideal, o amor que une o intelecto e a ação, a ciência e a vida, e, ao subir ao céu, se torna a bella face da *Sapienza*.

Distante das diversas especulações sobre a existência real de Beatrice após o testemunho do primeiro biógrafo de Dante, Giovanni Bocaccio (1313-1375), que a identifica com a filha do banqueiro Portinari e com a mulher de Simone de Bardi, E. R. Curtius (2013) afirma que Beatrice é um mito criado por Dante. O autor salienta como fenômeno primordial da personalidade do poeta, em *Vita Nova*, a refundição da experiência em mito. Na obra,

¹ La *Vita Nuova* di Dante è scritta tutta in questo gergo: è tutta simbolica dalla prima all'ultima parola e riguarda la vita iniziatica di Dante e i suoi rapporti non già con la moglie di Simone de' Bardi, ma con la Sapienza santa e con il gruppo che la coltivava. Pertanto la Beatrice della *Vita Nuova* non differisce sostanzialmente da quella che appare trionfante sul carro della Chiesa nella visione apocalittica della *Divina Commedia*.

² Io la chiamai Beatrice, molti ripeterono questo nome e (non essendo iniziati) *non sapevano che cosa veramente essi chiamavano quando chiamavano la mia donna con quel nome*».

³ Beatrice nella sua gloriosa trasfigurazione diviene un simbolo, il dolce nome che il poeta dà al suo nuovo amore, alla Filosofia.

Beatrice, de acordo com Curtius, e em discordância ao pensamento de De Sanctis, já assume o caráter de mistificação.

Beatrice transfigurada como membro da hierarquia celeste, segundo Auerbach (1997), se torna um ser real e, mesmo transformada, preserva sua forma terrena. Para o autor, a Beatrice de Dante se distingue tanto da dama dos *troubadours*, como dos mitos e alegorias da Antiguidade tardia. Em *Vita Nova*, com jamais visto na poesia provençal, o poeta faz desaparecer o abismo entre o mundo poético e o mundo real. Cada poema manifesta a singularidade do fluxo encontrado em Dante, “de experiência pessoal ele se expande para o universal, de onde, por uma espécie de ação contrária, ele deriva sua forma articulada de transmutar-se em imutável visão da realidade em geral, particularidade terrena refletida – e fixada – no espelho de um olho intemporal” (AUERBACH, 1997, p. 89-90). O poeta encerra a obra evidenciando seu característico fluxo entre a face terrena e a face espiritualizada de Beatrice.

Feito esse soneto, apareceu-me admirável visão, na qual vi coisas que me fizeram propor-me não mais falar dessa abençoada, enquanto não pudesse mais dignamente ocupar-me com ele. E, para chegar a isso, esforço-me o quanto posso, e ela bem o sabe. De modo que, se aprouver àquele por quem todas as coisas vivem, que minha vida dure por alguns anos, espero dizer dela o que nunca se disse de nenhuma. E, depois, praza a quem é senhor da cortesia que minha alma possa ver glória de sua dama: isto é, da abençoada Beatriz que gloriosamente contempla aquele *qui est per omnia saecula benedictus* (VN, XLII, 2005, p. 148).

Em *Vita Nova*, Dante apresenta uma realidade terrena capaz de ser elevada à transcendência, mas será apenas na *Commedia* que isso se manifestará. A face espiritualizada de Beatrice presente no *libello* assumirá contornos gloriosos no grande poema épico. Dante utiliza três razões para justificar a ausência do tratamento da morte de sua gentilíssima dama, dentre elas a de que sua “língua ainda não seria suficiente para fazê-lo como conviria” (VN, XXVIII, 2005, p. 131). É possível perceber que o sofrimento narrado após a morte de Beatrice “não terá tanto o sentido de uma usurpação da felicidade do poeta, quanto de uma ocasião propícia para uma sua *renovatio*, tanto ética quanto poética: para seu renascimento, como sujeito e poeta, numa *vida nova*” (STERZI, 2008, p. 90-91).

A vida nova a ser representada pelo poeta se revelará na *Commedia* em sua jornada do Inferno ao Paraíso. Guiado por Virgílio, Dante chegará até o final do Purgatório, e, no Paraíso Terrestre, se encontrará com Beatrice. Completamente inebriado com sua figura, o poeta é por ela conduzido ao rio Lete com intuito de apagar suas memórias. Uma vez despido de seus pecados, o poeta adentra o Paraíso. A condição gloriosa de Beatrice se torna evidente no oitavo céu das estrelas fixas, pois é em sua companhia que Dante aguarda a chegada da legião do triunfo de Cristo, quando surgirá o Salvador seguido por Maria e os santos do novo e do velho Testamento.

e tanto em tudo em torno reflugia
aquele intenso e súbito esplendor,
que meu olhar sustê-lo não podia.

Ó divina Beatriz, ó puro amor!
“Ofusca-te”, falou-me, “a refulgência
que não cede lugar a outro valor.

Vês a Sabedoria, a Onipotência
que aos homens entra a terra e o céu a estrada
abriu, ao fim da longa penitência.”

Como a flama que acessa e dilatada

não pode mais na nuvem se ocultar,
e tomba ao solo em vez de ser alçada,

a minha mente, ante o que vi chegar,
refugiou a si mesma àquele instante;
e o que passei não logro recordar.

(Par., XXIII, 2006, p. 742).

Com base na perspectiva apresentada por Curtius, o nascimento do amor do poeta por Beatrice se afasta das características de um acontecimento particular, ao mesmo tempo em que se aproxima dos aspectos que constituem a representação de um tema universal. “Essa Beatrice não é o reencontrado amor de juventude. Ela é a mais alta salvação em figura de mulher – uma emanção de Deus. Só por isso pode aparecer sem blasfêmia num triunfo em que o próprio Cristo tem um lugar” (CURTIUS, 2013, p. 463). A bem-amada mística representada pelos poetas do *dolce stil novo*, para Auerbach (1997), estava menos relacionada ao prazer sensual do que à iluminação concedida ou negada pelos dons do amor. Segundo Luigi Valli,

«Amor» significa «Amor Sapientiae», é o amor da Sabedoria santa, daquela Sabedoria Santa que é personificada na verdade *Madonna*. Este amor naturalmente não tem nada de sensual, não tem seu lugar nos sentidos ou de acordo com a sua imagem comum no coração e nos afetos, mas na mente. É paixão intelectual, corresponde à reunificação do intelecto possível com a Inteligência ativa, isto é, a *divina Sapienza*⁴ (VALLI, 2007, p. 134, tradução nossa).

O amor espiritualizado próprio ao *dolce stil novo* ultrapassa a servidão cortês característica do trovadorismo. A amada do poeta florentino emerge como mediadora entre o particular e o universal. Beatrice se transmudou e se transfigurou. Por seu intermédio, Dante foi capaz de encontrar, em acontecimentos terrenos, a manifestação da transcendência. E assim o fez, em estreita relação à concepção de amor desenvolvida pelos *Fedeli d'Amore* – o amor por eles entendido como a *Sapienza* santa, a verdadeira emanção da *divina Sapienza*, é sublime e livre das nuances sensuais da condição humana.

Referências

ALIGHIERI, Dante. *Da Monarquia, Vida Nova*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2005.

-----, *A Divina Comedia*. Trad. Cristiano Martins. 8 ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2006.

AUERBACH, Erich. *Dante, poeta do mundo secular*. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de

⁴ «Amore» significa «Amor sapientiae», è l'amore della Sapienza santa, di quella Sapienza santa che è personificata appunto in Madonna. Questo amore *naturalmente* non ha nulla di sensuale, esso ha il suo luogo non già nei sensi e nemmeno, secondo la sua immagine comune, nel cuore, cioè negli affetti, bensì nella *mente*. È passione *intellettuale*, congiungimento dell'intelletto possibile con l'Intelligenza attiva, cioè divina Sapienza (VALLI, 2007, p. 134).

Janeiro: Topbooks, 1997.

BURCKHARDT, Jacob Christoph. *A cultura do Renascimento na Itália*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. São Paulo: Leya, 2011, v. 1.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana*. Firenze: Editore Salani, 1996.

ELIADE, Mircea. *Ritos de iniciação e sociedades secretas*. Trad. Isabel Debot. Lisboa: Ésquilo, 2004.

HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. Trad. Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ROUGEMONT, Denis. *A história do amor no ocidente*. Trad. Paulo Brandi e Ethel Brandi. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Globo, 2008.

VALLI, Luigi. *Il linguaggio segreto di Dante e dei Fedeli d'Amore*. Collana Grandi Pensatori d'Occidente e d'Oriente. Milano: Luni Editrice, 2007.